



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17322 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO TERRENO ACADÊMICO: ABALOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO?
 Débora Rodrigues Azevedo Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG
 Shirley Aparecida de Miranda - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO TERRENO ACADÊMICO: ABALOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO?

Esta comunicação registra os resultados de uma pesquisa de doutorado em andamento que se debruça a identificar produções desenvolvidas por quilombolas e indígenas, em programas de pós-graduação, com intuito de compreendermos os processos de produção de conhecimento por esses e essas intelectuais identificando impasses, escolhas e saídas teórico-metodológicas, assim como os modos de expressão do conhecimento produzido. Nosso principal objetivo têm sido compreender insurgências epistêmicas nas pesquisas realizadas por estes intelectuais.

É considerável o número de pesquisas realizadas sobre quilombos e aldeias no Brasil e nos últimos anos tem surgido pesquisas que deslocam o lugar de enunciação desde os territórios pesquisados. Esse “ajuste de foco” converge com os aportes dos estudos decoloniais em perspectiva afrodiaspórica, que propõem uma epistemologia que privilegie a produção do conhecimento “desde dentro”, como situa a pesquisadora Sheila Walker (2018).

É importante reconhecer o papel das políticas de ações afirmativas no questionamento aos padrões hegemônicos de produção do conhecimento acadêmico. A presença de sujeitos sociais imprevistos no aparato acadêmico produz abalos no terreno da construção de conhecimento. O acesso de quilombolas e indígenas teria o potencial de reinscrever e reescrever o conhecimento existente nas comunidades tradicionais? Nossa interrogação se volta à produção do conhecimento por intelectuais indígenas e quilombolas em contexto de

ações afirmativas. Interessa-nos entender o tipo de produção acadêmica e como se expressam o conhecimento produzido.

Diante da urgência em compreender o que essa produção tem provocado, lidamos com o desafio de *onde* e *como* localizar as produções de quilombolas e indígenas, uma vez que não encontramos um banco de teses que considere o pertencimento étnico de pesquisadores e pesquisadoras e ainda, grande parte desses/as intelectuais não anuncia seu pertencimento. Em alguns casos de autoria indígena é possível localizar esse pertencimento por meio da relação com o nome do povo. Após percorrer alguns caminhos pouco frutíferos optamos por localizar os/as próprios/as intelectuais e depois mapear suas produções, uma vez que na nossa concepção as produções não prescindem dos sujeitos.

A constatação de que os/as intelectuais não evidenciam seu pertencimento em suas produções reforçou nossa percepção de que essa inscrição não é comum na escrita científica. Suspeitamos que tal dificuldade ocorre pela força de um critério de cientificidade que apregoa a neutralidade científica.

A seguir está um trecho por meio do qual o lugar de fala não se reduz a um jogo de narrativas. Acessamos uma representatividade de interesses que traz à tona problemas que não estavam em questão, que estavam submersos.

A escolha pelo tema desenvolvido deu-se também pela necessidade de um professor Huni kui dar início ao estudo de uma obra sobre o seu povo, como exercício acadêmico para obtenção do grau de mestre em linguística. Esse tipo de estudo é importante para estimular outros estudos, de forma que o conhecimento produzido sobre povos indígenas seja lido e analisado por estes, de forma crítica, com vistas ao uso das contribuições desses estudos aos projetos educacionais e culturais desses povos. Mas esse tipo de estudo é também importante para despertar nos acadêmicos indígenas o gosto pelo estudo linguístico de suas próprias línguas, para que eles também contribuam para o conhecimento científico, das mesmas (Joaquim Kaxinawá, 2011, p.13).

As pesquisas ocorridas até 2012, período que antecede a lei de cotas, demonstram que os/as intelectuais justificaram a relação entre a pesquisa e seu grupo de pertencimento e problematizaram o critério de neutralidade científica. Vejamos como esse debate comparece na década seguinte.

Sendo assim não pratiquei a distorção da minha personalidade (feminina, negra e quilombola) como mandam as regras da neutralidade axiológica da academia. Todavia, busquei inseri-las no conjunto de reflexões sobre a construção de meu objeto não sendo necessário descartá-las. Como pesquisadora quilombola, a relação com o conhecimento difere daquela de uma/um pesquisadora/or não quilombola: o conhecimento produzido na pesquisa transcende o saber acadêmico ao incorporar preocupações sobre as possíveis implicações políticas que esse conhecimento pode oportunizar para as comunidades quilombolas da Região dos Lagos do Rio de Janeiro. Portanto, quanto mais científico, melhor relevância política ele terá para nós (Gessiane Peres, 2020, p.17).

Como observamos, passamos do momento de questionar a neutralidade científica para considerar o pertencimento como um critério explícito de produção do conhecimento. Esse pertencimento referencia o modo de ver, sentir, sofrer o mundo.

Logo, observamos que a mudança do lugar de enunciação na produção acadêmica contribui, de alguma forma, para a redução da desigualdade epistêmica estimulada pelo processo de desumanização das populações negras e indígenas brasileiras. Percebemos que assumir que não há neutralidade e evidenciar o pertencimento é necessário para uma ciência que pode se alargar com outros conhecimentos e interesses. Entretanto, algumas questões permanecem em aberto, como o peso da responsabilidade desses e dessas intelectuais representarem seu povo no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Produção do Conhecimento; Intelectuais Quilombolas; Intelectuais Indígenas; Território.

REFERENCIAS

KAXINAWÁ, Joaquim Paulo de Lima. *Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kui: de Capistrano de Abreu aos dias atuais*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras. Mestrado em linguística. UnB – Brasília, 2011. 194 p.

PERES, Gessiane Ambrósio Nazário. *O desafio da mudança: educação quilombola e luta pela terra na Comunidade Quilombola Caveira do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Doutorado em Educação. UFRJ. Rio de Janeiro – RJ, 2020. 318 p.

WALKER, Sheila S. (Org.). *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.